

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto
Programa de pós-graduação em psicologia

Julia Tozzi Muraro

O dizer e o sentido de uma vida em Merleau-Ponty

Ribeirão Preto
2024

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto
Programa de pós-graduação em psicologia

Julia Tozzi Muraro

O dizer e o sentido de uma vida em Merleau-Ponty

(Versão original)

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, como parte das exigências para obtenção do título de Mestra em Ciências, obtido no Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia, Processos Culturais e
Subjetivação

Orientador: Prof. Dr. Reinaldo Furlan

Ribeirão Preto
2024

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de ensino, estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

FFCLRP - Departamento de Psicologia
Universidade de São Paulo

Muraro, Julia T.

O dizer e o sentido de uma vida em Merleau-Ponty - Ribeirão Preto, 2024

116 p.

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Área de concentração: Psicologia, Processos Culturais e Subjetivação. Orientador: Furlan, Reinaldo

1. Maurice Merleau-Ponty 2. Comunicação 3. Intercorporeidade 4. Fenomenologia 5. Psicanálise

Nome: Julia Tozzi Muraro

Título: O dizer e o sentido de uma vida em Merleau-Ponty

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, como parte das exigências para obtenção do título de Mestra em Ciências, obtido no Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de concentração: Psicologia, Processos Culturais e Subjetivação

Aprovado em: ___/___/2024

Banca examinadora

Prof. Dr. Reinaldo Furlan

Instituição: Departamento de psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (USP)

Assinatura: _____

Prof. Dr.

Instituição:

Assinatura: _____

Prof. Dr.

Instituição:

Assinatura: _____

Apoio financeiro:

O desenvolvimento deste estudo contou com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), mediante a concessão de Bolsa de Mestrado, processo nº 160742/2021-8, com vigência de 01/10/2021 a 20/09/2023. As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do autor e não necessariamente refletem a visão do CNPq.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Sérgio e Alethea, por todo o incentivo à busca por conhecimento, pelo cuidado e apoio desde sempre.

À minha irmã Laís, por sua valiosa amizade, confiança e companheirismo.

À minha parceira Cristina, por todo afeto, paciência e apoio fundamental, pelas longas conversas sobre a pesquisa e por dividir comigo os percalços e alegrias da Pós-Graduação.

Aos meus amigos de Sertãozinho, em especial Giovanni, Otávio, Amanda e João Gabriel, por me propiciarem momentos de alegria e estarem sempre ao meu lado.

À minha amiga Isadora, pelo cuidado e presença, mesmo à distância.

Ao meu amigo Pedro, pelas inúmeras conversas que contribuíram para o início de meu percurso acadêmico.

À minha psicóloga Paula, por me mostrar o verdadeiro sentido de uma psicoterapia.

Ao meu orientador Reinaldo Furlan, por todo o conhecimento compartilhado, incentivo à pesquisa e orientação.

À Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, pelo apoio institucional.

Ao CNPq, pelo apoio financeiro concedido a esta pesquisa.

RESUMO

Muraro, J. T. (2024). *O dizer e o sentido de uma vida em Merleau-Ponty*. (Dissertação de Mestrado). Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

Este estudo teve como objetivo investigar a comunicação com outrem, em especial entre terapeuta e paciente, enquanto potência transformadora de uma vida, à luz da fenomenologia de Merleau-Ponty. Uma leitura fenomenológica da comunicação, em especial na clínica psicanalítica, implica em estudar a linguagem, a relação com o outro, com o passado e com a memória em sua facticidade, recolocadas no mundo vivido, na existência. Para isso, foi realizado um estudo teórico, dividido em três artigos, a fim de descrever os fenômenos e destacar a sua dinâmica. No primeiro artigo, tratamos da noção de expressão em Merleau-Ponty. Apresentamos o corpo enquanto potência expressiva e a linguagem como expressão de um sujeito falante que articula o caráter gestual da palavra e o sistema diacrítico da língua, assumindo-a ao mesmo tempo em que ela forma a sua possibilidade de expressão. No segundo artigo, a partir das noções de passividade e instituição, buscamos descrever como o corpo carrega o passado, a memória e as relações de uma vida, e que a significação nunca é fechada, comportando lacunas, ambiguidades e excessos em relação àquilo que é dado à consciência, o que abre a percepção a seu próprio devir e torna possível pensar na retomada dos emblemas de uma vida, a fim de abrir novos campos de experiência possível. No terceiro artigo, a partir das noções de intercorporeidade e inconsciente, buscamos mostrar que a experiência de outrem se apoia primordialmente na experiência sensível, que possui uma negatividade que participa da estrutura perceptiva do mundo. Conjuntamente, apresentamos a interpretação merleau-pontiana de inconsciente enquanto sentir, evidenciando o seu papel nessa estrutura perceptiva, configurando, assim, a nossa experiência. Por fim, buscamos, a partir do aprofundamento de ideias debatidas anteriormente nos artigos, enfatizar a experiência de transformação propiciada por um caso particular de comunicação com outrem: a clínica psicanalítica. Nele destacamos o caráter afetivo dessa relação, articulando a interpretação merleau-pontiana de inconsciente à intercorporeidade e à fala para pensar o movimento de uma vida no campo analítico. Dessa forma, mais do que possibilitar uma compreensão, a relação e a comunicação que se desenrola no campo analítico é de ordem corporal, possibilitando uma experiência que pode recolocar em movimento uma vida em busca de novas relações com o mundo e os outros.

Palavras-Chave: Merleau-Ponty; Clínica; Intersubjetividade; Fenomenologia; Psicanálise.

ABSTRACT

Muraro, J. T. (2024). *The saying and meaning of a life in Merleau-Ponty's philosophy*. (Dissertação de Mestrado). Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

This study aimed to investigate communication with others, especially between therapist and patient, as a transformative force in life, in light of Merleau-Ponty's phenomenology. A phenomenological reading of communication, particularly in psychoanalytic clinic, involves studying language, the relationship with others, with the past and with memory in their factualness, situated in lived experience, in existence. To do this, a theoretical study was conducted, divided into three articles, to describe the phenomena and highlight their dynamics. In the first article, we addressed the notion of expression in Merleau-Ponty. We presented the body as an expressive power and language as the expression of a speaking subject that articulates the gestural character of words and the diacritical system of language, assuming it at the same time that it forms its possibility of expression. In the second article, based on the notions of passivity and institution, we sought to describe how the body passively carries the past, the memory, and the relationships of a life, yet meaning is never closed, containing gaps, ambiguities, and excesses concerning what is given to consciousness, opening perception to its own becoming and making it possible to think about the resumption of the emblems of a life, in order to open new fields of possible experience. In the third article, based on the notions of intercorporeality and unconscious, we aimed to show that the experience of others primarily relies on sensible experience, which has a negativity that participates in the perceptual structure of the world. Simultaneously, we presented Merleau-Ponty's interpretation of the unconscious as feeling, highlighting its role in this perceptual structure, thus configuring our experience. Finally, building upon ideas discussed earlier in the articles, we emphasized the transformative experience provided by a particular case of communication with others: psychoanalytic clinical practice. We highlighted the affective character of this relationship, articulating Merleau-Ponty's interpretation of the unconscious with intercorporeality and speech to consider the movement of a life in the analytic field. Thus, more than enabling understanding, the relationship and communication unfolding in the analytic field is bodily in nature, enabling an experience that can set a life back in motion in search of new relationships with the world and others.

Keywords: Merleau-Ponty; Clinic; Intersubjectivity; Phenomenology; Psychoanalysis.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
1.1. O corpo como expressão.....	12
1.2. Linguagem e experiência.....	14
1.3. Intersubjetividade e clínica.....	19
2. OBJETIVOS.....	21
2.1. Objetivo Geral.....	21
2.2. Objetivos específicos.....	21
3. MÉTODO.....	21
4. CAPÍTULO 1 - Sobre os artigos.....	22
5. ARTIGO 1.....	24
5.1. Do gesto à linguagem indireta: a noção de expressão em Merleau-Ponty.....	24
6. ARTIGO 2.....	45
6.2. O dizer e o sentido de uma vida na filosofia de Merleau-Ponty.....	46
7. ARTIGO 3.....	68
7.1 A experiência de outrem: o entrelaçamento entre intercorporeidade e inconsciente no campo do sentir.....	68
8. CAPÍTULO 2 - A relação com o outro em análise: considerações merleau-pontianas.....	88
8.1 A intercorporeidade em contexto clínico.....	89
8.2 Do movimento em análise.....	95
9. DISCUSSÃO.....	103
10. CONCLUSÃO.....	109
REFERÊNCIAS.....	109
ANEXOS.....	114
ANEXO A - Carta de anuência da revista Memorandum para publicação do Artigo 1.....	114
ANEXO B - Comprovante de submissão do Artigo 2 para publicação na <i>Psicologia em Revista</i>	115
ANEXO C - Comprovante de submissão do Artigo 3 para publicação na <i>Fractal: Revista de Psicologia</i>	116

1. INTRODUÇÃO

Esta dissertação realiza um estudo teórico sobre a comunicação com outrem, em especial entre terapeuta e paciente, enquanto potência transformadora de uma vida, à luz da fenomenologia de Merleau-Ponty. Uma leitura fenomenológica da comunicação, em especial na clínica psicanalítica, implica em estudar a linguagem, a relação com o outro, com o passado e a memória em sua facticidade, recolocadas no mundo vivido, na existência. Assim, precisamos descrever os fenômenos e destacar a sua dinâmica, ao invés de elaborar explicações objetivistas - que buscam compreender o homem pelo seu exterior, por meio de relações externas que justifiquem suas condutas -, ou idealistas - que buscam nos fatos interiores e na consciência a explicação do homem -, a fim de superar os prejuízos clássicos da atitude natural (Verissimo & Furlan, 2007).

Isso, no entanto, não significa que outras áreas do conhecimento não tenham nada a nos oferecer. Ao contrário, como nos mostra o percurso filosófico de Merleau-Ponty, o contato com a ciência e com as não-filosofias (como literatura e psicanálise) são de extrema importância, assim como para o presente trabalho, uma vez que entrar em contato com os “fatos”, com a vida em sua concretude, expande os limites da própria filosofia e a transforma em um pensamento de contato com as coisas, com o mundo e com a vida.

Em particular, uma das não-filosofias com a qual Merleau-Ponty dialoga extensamente durante toda a sua obra é a psicanálise. Ele considera que ambos, fenomenologia e psicanálise, dirigem-se a uma mesma latência, que seria a dimensão afetiva do sujeito, o drama de sua vida concreta (Ayouch, 2012).

A obra “*Crítica aos fundamentos da Psicologia*” (1998), de Politzer e a leitura que Merleau-Ponty faz dela elogiam a clínica psicanalítica no que ela traz de inovação para a psicologia: o foco no sujeito concreto, em “primeira pessoa”, que narra o drama vivido. No entanto, eles mostram que, embora Freud tenha criado um movimento inovador em sua prática clínica, dando voz a um sujeito que narra em primeira pessoa o drama de sua vida, quando parte para a teorização psicanalítica não consegue ultrapassar a abstração e o realismo científico, mantendo os prejuízos presentes na psicologia clássica, uma vez que acaba por tentar explicar os fatos clínicos, supondo sob a narrativa entidades psíquicas e processos inconscientes a partir dos quais o sentido vivido seria produzido. Ou seja, em prol do realismo científico da época, diante da percepção de que o sentido vivido pelo sujeito não é coerente com o sentido da linguagem convencional, mais precisamente, que a estrutura do sentido vivido pelo sujeito é faltante de acordo com a linguagem comum, Freud supõe “em

outro lugar (o inconsciente) a estrutura de sentido que a experiência clínica revelava” (Furlan, 1999, p. 126). Dessa forma, ao duplicar a estrutura do conteúdo manifesto narrado pelo sujeito em um conteúdo latente, a fim de eliminar certas ambiguidades e lacunas, Freud precisa hipotetizar o inconsciente como um lugar onde forças impessoais operam segundo certas leis de força e associação de ideias. Ou seja, volta-se a uma vida interior regida por mecanismos físicos e biológicos (como forças e economias energéticas), e princípios associacionistas (as representações inconscientes) (Furlan, 1999; Politzer, 1998).

De qualquer forma, a fala tem um uso privilegiado na clínica psicanalítica, não à toa ela recebeu a denominação de “cura pela fala” (Fochesatto, 2011). Mas, embora ocupe essa posição na prática, não há propriamente uma formulação teórica específica para a linguagem na psicanálise freudiana, e mesmo este tema tendo sido muito tratado na psicanálise em geral, as formulações a respeito se concentram em seu aspecto estrutural, voltado aos processos psíquicos (Klein, Vertzman & Coelho, 2020). Sendo assim, fica em aberto a possibilidade de olhar para a linguagem na clínica enquanto experiência, a qual possibilita a criação de novos sentidos e transformação, e não mais recolocá-la - conforme a metapsicologia freudiana - na origem do comportamento, como duplicação ou codificação de uma realidade interior.

Ainda podemos destacar que a escolha por estudar a comunicação com outrem no contexto da clínica psicanalítica se justifica tanto pelo diálogo entre a fenomenologia merleau-pontyana e a psicanálise ser extenso e bem estabelecido na academia (Ayouch, 2012; Klein, Vertzman & Coelho, 2020; Merleau-Ponty, 2006), quanto pela prática psicanalítica privilegiar a fala enquanto veículo de “transformação” (Fochesatto, 2011). Dessa forma, acreditamos que este estudo possa oferecer uma compreensão fenomenológica para o papel criativo e transformador da comunicação na clínica psicanalítica e contribuir para a expansão das conceitualizações psicanalíticas sobre a linguagem.

Buscando apresentar o campo temático da pesquisa e os conceitos centrais, estruturamos a introdução em três partes. Na primeira parte, “O corpo como expressão”, buscamos mostrar o papel central do corpo na filosofia de Merleau-Ponty e como ele é, desde sempre, capaz de organizar um campo de significações; na segunda parte, “Linguagem e experiência”, abordamos o funcionamento da linguagem, em seu aspecto formal (considerando as apropriações que Merleau-Ponty faz da linguística de Saussure) e atual (como comunicação e criação de novos sentidos); por fim, na terceira parte, “Intersubjetividade e clínica”, apresentamos alguns pontos importantes para se compreender a intersubjetividade na filosofia de Merleau-Ponty, tendo em vista, principalmente, aqueles que nos oferecem subsídios para pensar a atividade clínica.

1.1. O corpo como expressão

O estudo do corpo na filosofia de Merleau-Ponty propõe uma leitura que supera, por um lado, o objetivismo científico - ao passo que este reduz o corpo à soma de estados afetivos, relações de prazer e dor, reflexos condicionados -, e por outro, o idealismo filosófico - enquanto o reduz à consciência e suas representações. Para superar efetivamente esses dois caminhos (e outras dicotomias de sua filosofia, como sujeito e objeto, mundo e consciência, inauguradas pelo dualismo cartesiano de corpo e alma), o filósofo precisará considerar, entre o psíquico e o fisiológico, uma zona vital na qual se desenrolam as possibilidades da existência (Merleau-Ponty, 1994).

Sabemos que o mundo não precisa ser percebido para existir, ele está ali antes de qualquer reflexão e, para a fenomenologia, o que importa é “reencontrar este contato ingênuo com o mundo” (Merleau-Ponty, 1994, p.1), fazer uma gênese do ser nesse sentido, pois existe uma ligação inabalável entre o sujeito e o mundo, na qual o corpo é o local de apropriação. Isso decorre de uma intencionalidade operante: meu corpo se engaja no mundo e, antes de qualquer predicado ou retomada reflexiva, unifica-o ao sujeito. Portanto, essa intencionalidade é antepredicativa, o que significa que essa atividade se realiza sem uma tematização, ou retomada pela reflexão, dos movimentos e da percepção. Por isso, podemos dizer que a relação com o mundo é, antes, corporal (Ayouch, 2010; Merleau-Ponty, 1994).

Podemos ver, utilizando como exemplo o caso da sexualidade, que há um tipo de significação não intelectual, “uma intencionalidade que não é ‘consciência de algo’” (Merleau-Ponty, 1994, p. 217), uma vez que a percepção erótica se dá no corpo e não como *cogitatum* de uma consciência, ou seja, ela não se realiza como um pensamento, mas enquanto intencionalidade corpórea. Portanto, a “compreensão” dessa percepção não se faz por representações: é o corpo que, seguindo um movimento existencial e sendo capaz de se “pôr em forma”, “compreende” uma determinada situação como erótica, encontra nela uma significação sexual (Merleau-Ponty, 1994).

Nesse sentido, o corpo pode ser comparado à obra de arte. Como na poesia, o sentido brota como um todo, o expresso e a expressão não podem ser separados, uma vez que o corpo todo realiza um determinado gesto. O corpo não é, portanto, “a lei de um certo número de termos co-variantes”, “é um nó de significações vivas” (Merleau-Ponty, 1994, p.210), onde a variação do uso corporal pode fazer surgir novas significações, pois o esquema corporal, este que nos coloca em situação de agir no mundo, vai sendo enriquecido e reorganizado.

Assim, precisaremos explorar a noção de “expressão”, tendo em vista que corpo e psiquismo, linguagem e pensamento, “estão em uma relação de expressão recíproca” (Merleau-Ponty, 1994, p.221). O corpo “exprime a existência total”, não como invólucro de um Espírito, “mas porque a existência se realiza nele” (Merleau-Ponty, 1994, p.229).

O caso da “moça afônica” de Binswanger, discutido por Merleau-Ponty na “Fenomenologia da Percepção”, nos mostra que toda atitude, gesto, fala ou silêncio de um sujeito tem um sentido. No caso dessa jovem, diante da proibição de rever o amado, a perda da fala não é uma manifestação corporal de um estado interior, é, por sua vez, uma forma de ser no mundo, de se relacionar e viver o drama da sua vida (Manzi, 2012; Merleau-Ponty, 1994).

No entanto, isso não significa que ocorra uma escolha deliberada de não falar, pois só se poderia pensar nessa alternativa se realmente houvesse a possibilidade da fala. No caso da afonia, perde-se “a voz, como se perde uma recordação” (Merleau-Ponty, 1994, p.223). Sabemos que essa perda não ocorre como rejeição expressa de algo desagradável. Com efeito, a psicanálise nos ajuda a ver que toda uma região de sentido é perdida, pois “nossas recordações e nosso corpo, em lugar de se apresentarem a nós em atos de consciência singulares e determinados, dissimulam-se na generalidade”, “podemos ignorar algo ao mesmo tempo em que o sabemos”, uma vez que “as mensagens sensoriais ou as recordações só são apreendidas expressamente e por nós conhecidas sob a condição de uma adesão geral à zona de nosso corpo e de nossa vida da qual elas dependem” (Merleau-Ponty, 1994, p. 224). Portanto, o campo disponível é recusado em sua totalidade: a fala e até mesmo o silêncio enquanto potência significativa são perdidos (Merleau-Ponty, 1994).

Nesse sentido, o caso da moça afônica nos mostra que diante do impasse vivido, é a região da coexistência, na qual a fala tem papel fundamental, a principal afetada. Todavia, não se trata, para Merleau-Ponty, de explicar este evento por meio de conceitos e abstrações como “fixação oral”, pois o que está em evidência é uma dimensão da existência, a qual é excluída diante da impossibilidade de resolução naquele momento.

Dessa forma, faz entrever-se que não basta uma decisão deliberada para interromper o fenômeno da afonia. Não é uma questão de vontade ou conhecimento, uma vez que não é em relação a eles que o impasse está posto, mas sim a um ser no mundo em sua totalidade. Por isso, a ação do psicólogo não se dirige à cognição, a intenção não é fazer o paciente saber a origem do seu problema, pois o sintoma, assim como sua resolução, se passa abaixo do plano da consciência tética (Merleau-Ponty, 1994). O seu papel é ajudá-lo “a assumir (...) o sentido da corrente de vida bloqueada na coexistência com o outro” (Furlan, 1999, p. 135).

Sendo assim, a recuperação da voz só pode ocorrer quando o corpo todo se implica nesse gesto, “quando o corpo se abre novamente ao outro ou ao passado, quando se deixa atravessar pela coexistência e quando novamente (no sentido ativo) significa para além de si mesmo” (Merleau-Ponty, 1994, p. 228), e isso só é possível, pois o doente, assim como o dormidor, não se desliga completamente do mundo, intenções continuam a brotar em seu corpo. Ou seja, “aquele que dorme nunca está completamente encerrado em si, nunca é inteiramente dormidor, o doente nunca está absolutamente cortado do mundo intersubjetivo, nunca inteiramente doente” (Merleau-Ponty, 1994, p. 226). Sucede-se que são as funções impessoais, os sentidos do corpo (audição, visão, tato, etc.) e a linguagem, que mantêm este laço e tornam possível retornar ao mundo.

Nesse sentido, o corpo é o primeiro pacto que temos com o mundo. Por meio desse organismo anônimo que é o corpo, o sujeito percebe o mundo. Segue-se que essa percepção não é completamente ativa ou passiva, pois há uma orientação, uma intencionalidade presente, ao mesmo tempo em que não há uma autoria enquanto um ato do intelecto, ou seja, ela ocorre em um campo de generalidade, que é impessoal por não ser explicitamente realizado, mas no qual o sujeito está implicado e em perspectiva (Landes, 2013). Assim, a existência pessoal retoma essa existência anônima e manifesta um ser em situação, “o corpo é a existência imobilizada ou generalizada, e a existência uma encarnação perpétua” (Merleau-Ponty, 1994, p. 230).

Por fim, nesse movimento já vemos se manifestar um estilo, o qual “traduz uma relação com o mundo inscrita na corporeidade” (Furlan & Furlan, 2005, p. 39). Ora, o estilo é a forma de dispor elementos do mundo em determinada direção, como vetores, indicando uma significação. Assim, essa “deformação coerente”, já esboçada na percepção, dá significação aos dados do mundo. Ao pintar uma mulher, por exemplo, não se coloca na tela apenas uma mulher, mas também um sentido pictural e um estilo que não fazem parte da mulher observada, embora ela os atraia. Considerando outro exemplo, ao escrevermos, seja em uma folha de papel ou em uma lousa, a letra é reconhecida como nossa, demonstrando que ela não é um automatismo muscular, mas sim uma potência motora geral, a qual preserva o seu estilo em várias situações. Nesses atos já é visto o mistério da expressão (Merleau-Ponty, 1991).

1.2. Linguagem e experiência

O corpo já é por si mesmo essa potência de significação, nos seus atos mais simples, como se mover e olhar, já é capaz de expressão. Nós nos dirigimos ao mundo sem precisar pensar, pois não sabemos quais músculos exatamente precisaremos mover, mas vamos direto ao objeto que queremos alcançar. Assim, “os gestos seguem uma inteligibilidade espontânea do corpo, que sabe se pôr em situação sem calcular intelectualmente os ângulos e distâncias envolvidos em seus movimentos” (Ferraz, 2008, p.55).

Com a fala ocorre algo semelhante: ela não necessita de uma representação intelectual, de um pensamento prévio, ao qual o corpo tentaria encontrar as palavras que o traduzisse. No caso dos escritores, que escrevem sem saber previamente onde chegarão, e talvez por isso mesmo escrevam - pois assim encontram o desconhecido -, vemos que a expressividade se realiza com a própria escrita. Nesse sentido, a fala, assim como outros gestos, são exemplos da capacidade que o corpo tem de produzir um campo de significações (Merleau-Ponty, 2002).

Pensando na forma como a linguagem produz significação, podemos distinguir duas formas: a linguagem falada e a linguagem falante. A primeira, a linguagem falada, é a língua sedimentada, presente nas gramáticas e dicionários, aquela que após adquirida esquece seu caráter contingente e arriscado de significação, aquela que o leitor traz consigo: “é a massa das relações de signos estabelecidos com significações disponíveis” (Merleau-Ponty, 2002, p. 33). É com ela que perguntamos as horas, por exemplo, pois já se tem clareza e é conhecida sua intenção, antes da formulação explícita. E a linguagem falante é a “interpelação que o livro dirige ao leitor desprevenido, é aquela operação pela qual um certo arranjo dos signos e das significações já disponíveis passa a alterar e depois transfigurar cada um deles, até finalmente secretar uma significação nova” (Merleau-Ponty, 2002, p. 33). Esta tem um sentido originário, de inauguração de sentidos. É aquela que o escritor descobre o sentido após a sua realização. Esta fala originária retoma o sistema linguístico dado e cria novas significações que são sedimentadas na linguagem e ficam disponíveis para o uso por diferentes sujeitos, que a retomam e utilizam como fala secundária. Esse processo realiza um movimento circular, há a retomada de sedimentações e criação de novos significados, que por fim também serão incorporados e sedimentados na cultura (Moutinho, 2006).

Decorre dessa sedimentação de significados duas consequências ilusórias: primeiro, que o pensamento existiria antes e independentemente da linguagem; segundo, que existiria uma Verdade independente dos sujeitos e da linguagem. No primeiro caso, a ilusão de um pensamento anterior se dá, pois uma parte considerável das falas proferidas no dia-a-dia estão bem estabelecidas, não comportam novidades, são parte daquela fala secundária, dando a

impressão “de que há uma vida conceitual da consciência independente das habilidades expressivas” (Ferraz, 2008, p. 55). No segundo caso, a ideia de uma realidade que se apresenta diretamente, independente do sujeito e da linguagem, é uma ilusão, pois todas as formulações, teorias e explicações a respeito do mundo são feitas pelos homens através da linguagem. Assim, por mais que seja característica da própria expressão se fazer esquecer assim que se realiza, a aparição da realidade é sempre mediada por certa referência linguística (Ferraz, 2008; Merleau-Ponty, 2002).

No entanto, essas ilusões são necessárias para se cumprir a atividade expressiva. Ao escrever um livro, por exemplo, o escritor, sem saber previamente onde irá chegar, utiliza-se da língua em que está inserido e, conforme escreve, extrai delas novas significações. Então, quando alguém começa a leitura desse livro e pode compreendê-lo pelos sentidos comuns que compartilham das palavras, aos poucos acontece um desvio nas formas comuns de expressão e, assim, o livro pode inaugurar novos sentidos. É por meio de um desvio de significados, decorrente da forma como o escritor mobiliza as palavras, que ele produz sentidos informados antes da expressão, e amplia o campo de significações de quem o lê (Merleau-Ponty, 2002).

Esse processo, no entanto, assim que realizado se apaga, é esquecido, pois as novas significações são sedimentadas, de forma que, através de uma ilusão retrospectiva, a novidade assimilada parece ter sempre estado ali. Portanto, uma concepção intelectualista da linguagem, que toma a ilusão retrospectiva como verdade e interpreta a linguagem como mera correspondência entre signos e significados, de modo que a leitura ou a comunicação seriam simples processos de codificação e decodificação, não mostra como seria possível a criação de algo novo, uma vez que só seria possível compreender e comunicar aquilo que já se sabe previamente (Ferraz, 2008; Merleau-Ponty, 2002).

A concepção merleau-pontyana pretende destacar a função criativa da linguagem e mostrar o que essa descrição tem a contribuir para as formulações objetivas da linguagem. Ao mesmo tempo, busca na linguística de Saussure conceitos que contribuem para a descrição fenomenológica. Colocar de maneira irreduzível a ciência da linguagem de um lado - a qual seria responsável pelo estudo da língua no passado, da sua história - e a psicologia ou fenomenologia da linguagem de outro - responsável pela linguagem no presente, pela experiência da língua -, não convém. O passado da língua invade o sistema sincrônico, assim como o presente está difundido no passado - a história da língua se dá pela evolução de um sistema sincrônico em outro, sucessivamente (Merleau-Ponty, 1991; Merleau-Ponty, 2002).

O sistema sincrônico, conforme a apropriação e adaptação de Saussure por Merleau-Ponty, está no âmbito da fala atual, diz respeito à relação dos significantes em um determinado sistema, no qual o valor de cada significante depende da sua relação com os outros. Por ser um sistema aberto e não haver relações pré-definidas, o valor de cada um dos termos pode sofrer alterações, mesmo que ele não tenha sido diretamente tocado, apenas por estarem próximo a algum outro que tenha sofrido alteração. Já a diacronia está relacionada às mudanças que ocorrem na língua ao longo do tempo, aos deslocamentos semânticos que ocorrem ao longo da história da linguagem (Merleau-Ponty, 1991; Merleau-Ponty, 2002).

Disso decorrem duas consequências. Primeiro, tendo em vista que o significado das palavras depende de oposições diacríticas que existem no interior da língua (a significação deriva da cadeia de relações significantes), não é mais preciso supor um pensamento que faça essa síntese. É a configuração dos signos que remete a alguma significação que ultrapassa os próprios signos e que eles não contêm. Com efeito, é o sujeito falante que, ao falar, opera essa síntese, pois a língua se reúne nele e ele a mobiliza, com seu aparato linguístico, antes de a ter como ideia, assim como o corpo reúne em si seu saber sobre o mundo ao se movimentar, sem ter de representar suas relações de sentido com ele. Assim, o sentido imanta a expressão, é transcendência, de forma semelhante à percepção: da mesma forma que o mundo desperta certa intenção motora, a significação desperta a minha fala. (Merleau-Ponty, 2002; Moutinho, 2006).

Segundo, se o sistema é aberto e possui fissuras por meio das quais podem ser incorporadas contingências, é a fala e, conseqüentemente, o sujeito falante que o fará. Nesse sentido, é a vontade de se comunicar que faz com que os sujeitos falantes retomem os desgastes da língua em uma nova maneira de falar, produzindo assim novos sistemas sincrônicos. Agora, a diacronia da língua pode ser entendida como a evolução de um sistema sincrônico em outro. Além disso, o fato desses sistemas serem abertos e incompletos é o que leva a comunicação, como uma tentativa de totalizá-lo. Dessa forma, não precisa haver coincidência entre os sistemas de oposições diacríticas possuídas por cada um, pois é “justamente porque há diferentes ordenações dos vocábulos, que veiculam idéias não possuídas por todos”, que os sujeitos se comunicam e que, aos poucos, acabam por aproximar os sistemas de significação (Ferraz, 2008, p.71; Merleau-Ponty, 2002; Moutinho, 2006).

Diante disso, temos algumas constatações importantes: percebemos que a linguagem tem um interior, o qual pressupõe uma síntese interna, não precisando mais supor um sujeito transcendental que a faça; o fenômeno linguístico é espontâneo e concreto, na medida em que é retomado pelos sujeitos falantes com intenção de comunicar; e, por fim, o sentido é sempre

abertura pela qual pode surgir o novo e, sua incompletude, o que impele os sujeitos a se expressarem.

Precisamos, então, pensar uma subjetividade para além daquela do cogito cartesiano, em que a subjetividade se fazia constituinte e autônoma. A redescoberta do “eu falo” pela psicologia, nos mostra uma nova dimensão, diferente daquela do pensamento. O “eu penso” pressupunha um reconhecimento direto entre “fazer e saber que se faz”, “entre o eu e sua revelação”, de forma que “nenhuma intrusão do exterior é sequer concebível” (Merleau-Ponty, 2002, p.39). Assim, esse “eu” não poderia ser o mesmo “eu” que fala, pois o sujeito falante está “num sistema de relações que o supõem e o tornam aberto e vulnerável” (Merleau-Ponty, 2002, p.39).

Além disso, uma vez que o signo não funciona mais como reconhecimento direto a uma subjetividade, pois o signo faz “referência a uma unidade espontânea e latente que lhe é constitutiva”, o sujeito não pode mais “definir-se como identidade” (Moura, 2012, p. 100). Ele está situado em um universo falante e, como participa desse movimento da linguagem, é sempre conduzido “para fora e para o que é outro” (Moura, 2012, p. 101). Isso significa que “a ‘pessoa’ não é originariamente uma ‘presença a si’, mas a abertura a um campo de experiência” (Ramos, 2009, p. 228).

Sendo assim, a linguagem nos revela essa abertura do ser ao mundo e ao outro e a espontaneidade do sentido que surge nessa relação, de modo que se faz reconhecer uma “dimensão situacional e passiva” do sujeito e “dinâmica e ativa” do objeto (Moura, 2012, p. 101) que atrai a espontaneidade do sujeito. Uma frase de Paul Klee, trazida em “O olho e o espírito” (1975, p. 282), pode nos ajudar a compreender isso:

Numa floresta, repetidas vezes senti que não era eu que olhava a floresta. Em certos dias, senti que eram as árvores que olhavam para mim, que me falavam... Eu lá estava, escutando... Creio que o pintor deve ser traspassado pelo universo, e não querer transpassá-lo.

Há aqui um movimento, no qual o sujeito é “transformado em espetáculo” (Ramos, 2009, p. 94), tomado por uma passividade, e se dissolve em uma existência anônima, de modo que se descobre, nesse espetáculo, inserido em uma “natureza que é ela própria atravessada pela expressão” (Ramos, 2009, p. 94). Ao mesmo tempo, embora o sujeito não coordene de maneira consciente esses eventos, essa abertura já carrega um estilo seu. Como diz Merleau-Ponty em "O olho e o espírito", "emprestando seu corpo ao mundo é que o pintor

transforma o mundo em pintura" (1975, p. 278). O mesmo se dá com a linguagem, com a inserção do sujeito em um mundo falante.

1.3. Intersubjetividade e clínica

No campo fenomenal se realiza um intercâmbio vivo com o mundo, com as coisas e com o outro. Ele é a sustentação dos paradoxos da expressão, os quais estão sempre entre atividade e passividade. Podemos, inclusive, dizer que a expressividade é do campo e não só do sujeito, uma vez que “a expressividade – e não apenas os significados que ela engendra – é, agora, uma construção social, o processo de retomada de falas antigas ante a fala do outro ou, inversamente, a incorporação da fala do outro pelas minhas falas antigas” (Müller-Granzotto, 2005, p. 423).

Precisamos, então, considerar a noção de campo para pensar a comunicação entre os falantes. Um objeto pertencente ao campo fenomenal de determinado sujeito não é um objeto privado, e a experiência que se tem dele não é absoluta, engendrada por uma fronteira rígida que limitaria o campo. Ao contrário, o campo é a abertura por meio da qual o sujeito é exposto ao mundo, de forma que há uma generalidade dessa experiência, que permite a intersubjetividade. Há entre os sujeitos encarnados, uma relação silenciosa na qual o outro não está posto como um outro objeto qualquer, pois “assombra” aquele que o percebe. O corpo do outro é uma nascente de significação, mostrando que não estamos em um mundo privado. Assim, diante da percepção do outro como um semelhante (semelhança corporal e pelo compartilhamento de uma mesma história sedimentada), podemos conceber a possibilidade do diálogo, ou seja, a expressividade é capaz de fazer-nos invadir uns aos outros como seres de sentido. Ocorre uma experiência de “descentramento”, na qual a ação do outro me polariza e oferece uma perspectiva que acolho ou passa por mim. É porque existe uma generalidade do corpo, a qual coloca os sujeitos em um mundo compartilhado, que é possível uma comunicação entre eles: tornamo-nos “uma significação transferível” (Landes, 2013; Merleau-Ponty, 2002, p. 193).

Dessa forma, o diálogo não é possível apenas porque estamos situados em uma língua comum, mas porque dividimos uma existência expressiva. Nesse sentido, “expressar (...) é assegurar-se, pelo emprego de palavras já usadas, de que a intenção nova retoma a herança do passado, é com um só gesto incorporar o passado ao presente e soldar este presente a um futuro” (Merleau-Ponty, 1994, p. 525). A fala expressiva, portanto, dirige-se a uma comunidade e reconfigura o sistema expressivo em direção a um porvir.

Assim, temos que a linguagem, ou a expressividade de forma geral, produz uma experiência entre eu e o outro, entre artista e espectador, escritor e leitor... Durante a leitura de um livro, por exemplo, o leitor é descentrado, conduzido pelo escritor, por meio da deformação coerente aplicada à linguagem, a uma nova região de sentido. Podemos perceber, então, que a linguagem literária não é mera descrição de eventos, mas é capaz de criar uma região de sentido a ser experienciada por quem escreve e a lê. Como diz Ogden (2005, p.34, como citado em Klein, Vertzman & Coelho, 2020, p. 11), articulando linguagem e experiência literária: “a experiência humana não está apenas sendo descrita, mas está sendo criada no efeito produzido pelo escritor sobre o leitor”, que implica a maneira como o leitor a compreende e vivencia por sua vez.

Parece-nos que se trata, tanto na experiência literária quanto na clínica, de um movimento de criação e desvelamento de sentidos, pois: “o ser é o que exige de nós criação, para que dele tenhamos a experiência” (Merleau-Ponty, 2003, p. 187). Ou ainda, Merleau-Ponty fala sobre a conquista da psicanálise freudiana não ter sido o reencontro de uma realidade sob alguma aparência, mas a existência de “várias camadas de significações, (...) que a pluralidade de interpretações possíveis é a expressão discursiva de uma vida mista, em que cada escolha tem sempre vários sentidos sem que se possa dizer que um deles é o único verdadeiro” (Merleau-Ponty, 1982, p.71).

Portanto, tendo em vista a experiência do outro e da linguagem, a relação entre paciente e analista reintroduz a dimensão do outro (lembramos do caso da moça afônica descrito acima, que não se trata de tornar algo “conhecido”), na qual “o paciente pode ver se diferenciarem as muitas caras de sua própria dramaturgia” (Müller-Granzotto, 2005, p. 425). Mas neste ponto, não podemos supor que o papel do psicólogo se resume a ser “um outro” ali na relação - precisamos questionar a fala do paciente enquanto suficiência absoluta (como crítica a uma suficiência em si mesma, algo do tipo “falar basta”). Logo, a fala do analista também deve ser levada em conta em “sua capacidade de criar possibilidades e não apenas na função de criar compreensões ou insights” (Klein, Vertzman & Coelho, 2020, p. 11). Como diz Merleau-Ponty, é no encontro com outra vida que o paciente pode mudar sua vida, isto é, “O tratamento psicanalítico não cura provocando uma tomada de consciência do passado, mas em primeiro lugar ligando o paciente ao seu médico por novas relações de existência” (1994, p. 610). Ou ainda, “Mesmo nas suas formas mais canônicas e mais respeitadas, a psicanálise só alcança a verdade de uma vida através da relação de duas vidas, na atmosfera solene da transferência que não é (se é que existe) um puro método objetivo” (1991, p. 132).

Além disso, temos que a atividade linguística e a relação com o outro, oscilando entre atividade e passividade, universalidade e singularidade, opera uma “multiplicação dos campos”, de modo que pode haver um intercâmbio de significações. Nos perguntamos, então, quais as características do campo no qual se desenrola esta relação intersubjetiva particular que é a análise e, para isso, precisaremos buscar uma compreensão do setting enquanto espaço de criação e transformação, no qual a fala espontânea, “esse gesto ambíguo”, “produz o universal com o singular, e o sentido com nossa vida” (Merleau-Ponty, 2002, p. 201).

2. OBJETIVOS

Considerando os aspectos apresentados, delineamos um objetivo geral e três objetivos específicos para este trabalho.

2.1. Objetivo Geral

O objetivo geral deste trabalho foi investigar a comunicação com outrem, em especial entre terapeuta e paciente, enquanto potência transformadora de uma vida, à luz da fenomenologia de Merleau-Ponty.

2.2. Objetivos específicos

Considerando o que foi levantado até aqui, nossa hipótese é que a comunicação com outrem, enquanto potência de transformação e criação, é de ordem corporal e não apenas intelectual, o que podemos observar de maneira privilegiada na clínica psicanalítica. Diante disso, elaboramos os seguintes objetivos específicos:

- 1) compreender, por meio do estudo da linguagem e da fala, o processo de expressão.
- 2) descrever o sentido incoativo de uma vida, a partir das noções de passividade do corpo próprio e de instituição, tendo como horizonte os diálogos de Merleau-Ponty com a psicanálise freudiana.
- 3) compreender como a relação terapêutica opera, através da investigação da relação intersubjetiva, da fala e da noção de inconsciente, contribuições capazes de recolocar uma vida em movimento.

3. MÉTODO

Considerando se tratar de uma pesquisa teórica que tem como principal referência a filosofia fenomenológica de Merleau-Ponty, o principal procedimento adotado foi a leitura

sistemática de suas obras relacionadas com o tema. As leituras serão realizadas seguindo a ordem cronológica de seus escritos e dando enfoque maior em algumas obras pré-selecionadas, consideradas de maior importância para o tema deste projeto (como sabemos: a psicanálise, a linguagem, a relação com o outro e a clínica psicanalítica).

Podemos destacar inicialmente algumas das principais obras de Merleau-Ponty que foram utilizadas nesta pesquisa: “*Fenomenologia da percepção*” (1994), que é a obra central para compreender o seu pensamento e aborda temas importantes para a pesquisa, como corporeidade, percepção, sexualidade, relação com outrem e linguagem; “*Psicologia e pedagogia da criança*” (2006), no qual trata sobre diversos temas correlatos a psicologia e sua leitura desta; alguns textos selecionados de “*Signos*” (1991), em que aborda sobre fenomenologia da linguagem e psicanálise; os ensaios “*O olho e o espírito*” (1975) e “*A dúvida de Cézanne*” (1980), sobre expressão, a arte e o artista; “*Notes de cours au Collège de France - 1954-1955*” (2003), sobre a instituição e a passividade; “*A prosa do mundo*” (2002), livro dedicado a estudar a linguagem, em especial a linguagem literária; e, por fim, o capítulo sobre o quiasma, em “*O visível e o invisível*” (2003), obra póstuma e inacabada, na qual inicia o projeto de uma ontologia indireta.

Além das obras do filósofo, também nos valem de alguns comentadores e pesquisadores de sua obra, assim como de alguns autores da psicanálise, por compreender que a clínica psicanalítica é um campo onde o potencial transformador da comunicação com outrem se manifesta de maneira privilegiada, e com a qual Merleau-Ponty possui uma ampla interlocução. Foram realizados fichamentos das obras lidas e textos visando articular e organizar as leituras realizadas.

4. CAPÍTULO 1 - Sobre os artigos

Cada um dos artigos dispostos nas próximas seções visa desenvolver um objetivo específico proposto nesta dissertação, sendo o último objetivo dividido em um artigo e um capítulo subsequente. Nesse sentido, o conjunto converge para o objetivo geral de investigar a comunicação com outrem, em especial entre terapeuta e paciente, enquanto potência transformadora de uma vida, à luz da fenomenologia de Merleau-Ponty. Organizamo-los da seguinte forma.

No primeiro artigo tratamos da noção de expressão em Merleau-Ponty. Apresentamos o corpo enquanto potência expressiva e a linguagem como expressão de um sujeito falante

que articula o caráter gestual da palavra e o sistema diacrítico, assume a língua à qual pertence, ao mesmo tempo em que a língua forma sua possibilidade de expressão.

No segundo artigo, a partir das noções de passividade e instituição, buscamos descrever como o corpo carrega passivamente o passado, a memória e as relações de uma vida e que, no entanto, a significação nunca é fechada, comportando lacunas, ambiguidades e excessos em relação àquilo que é dado à consciência, o que abre a percepção a seu próprio devir e torna possível pensar na retomada dos emblemas de uma vida, a fim de abrir novos campos de experiência possível.

No terceiro artigo, a partir das noções de intercorporeidade e inconsciente, buscamos mostrar que a experiência de outrem se apoia primordialmente na experiência sensível, que possui uma negatividade que participa da estrutura perceptiva do mundo. Conjuntamente, apresentamos a interpretação merleau-pontiana de inconsciente enquanto sentir, evidenciando o seu papel nessa estrutura perceptiva, configurando, assim, a nossa experiência.

Por fim, no capítulo que se segue ao terceiro artigo, buscamos, a partir do aprofundamento de ideias debatidas anteriormente nos outros artigos, enfatizar a experiência de transformação propiciada por um caso particular de comunicação com outrem: a clínica psicanalítica. Nele destacamos o caráter afetivo dessa relação, articulando a interpretação merleau-pontiana de inconsciente à intercorporeidade e à fala para pensar o movimento de uma vida no campo analítico.

Dessa forma, partindo da premissa comum de que o corpo próprio assegura um vínculo intrínseco ao mundo (característica fundamental da fenomenologia de Merleau-Ponty), pudemos compreender que comunicação com outrem é de ordem corporal, e não apenas intelectual. Isso fica evidente, seja no primeiro artigo, quando abordamos a fala enquanto enquanto potência de atualização e criação de sentido; seja no segundo quando descrevemos o sentido de uma vida de relações arraigado a passividade do corpo próprio, que ao mesmo tempo em que arrasta o passado consigo carrega a possibilidade de mudança; no terceiro, quando apontamos o caráter corporal e perceptivo da relação com outrem e o aspecto de estrutura perceptiva do inconsciente; ou mesmo no capítulo posterior ao terceiro artigo, a partir do entrelaçamento da compreensão merleau-pontiana de intercorporeidade, fala e inconsciente para pensarmos a experiência analítica. Assim, pudemos nos aproximar daquilo que nos propusemos a investigar: a comunicação com outrem, em especial entre terapeuta e paciente, enquanto potência transformadora de uma vida, à luz da fenomenologia de Merleau-Ponty.

9. DISCUSSÃO

O formato de apresentação escolhido para a apresentação deste trabalho foi a coletânea de artigos. Para isso é necessário ainda a realização de uma discussão final que unifique os resultados e discussões de cada um dos artigos dispostos acima. O problema de pesquisa posto (como a relação com outrem, especialmente a relação terapêutica, pode recolocar em movimento uma vida que estancou na generalidade), ao qual todos eles se vinculam em algum grau, demandou reflexões epistemológicas e ontológicas acerca do vínculo do mundo sensível ao mundo da expressão, da passagem do antigo ao novo, do inconsciente à consciência e da comunicação entre eu e outrem.

No que tange ao campo epistemológico, as discussões em torno do inconsciente psicanalítico foram realizadas tendo em vista a questão clássica levantada por Politzer, acerca do caráter objetivante e cientificista da metapsicologia freudiana, em seu trabalho *Críticas dos fundamentos da psicologia* (1998). Merleau-Ponty incorpora essa leitura aos seus debates com a psicanálise, evidenciando os prejuízos e impasses desse dualismo e propondo, a partir do seu viés fenomenológico, uma concepção reunificada de corpo e alma, sujeito e mundo, por meio da noção de experiência. Nesse sentido, o mote fenomenológico de retornar às coisas mesmas, permite falar de nós, das coisas, do mundo, sem sair da experiência concreta. Dessa maneira, como apresentado na introdução do terceiro artigo: "nós enquanto seres que *estão* no mundo e que somente *são* no mundo, guardamos uma ambiguidade que nos impede de falar separadamente da experiência e daquilo que é experienciado". Isto é, não uma limitação, mas o que possibilita a experiência: "somos verdadeiros de um lado a outro, temos conosco, apenas pelo fato de que somos no mundo, e não somente estamos no mundo, como coisas, tudo aquilo que é preciso para nos ultrapassar" (Merleau-Ponty, 1994, p. 611). Ou ainda, somos "Um corpo que, por si mesmo, deseja algo que não seja ele mesmo ou seus semelhantes" e que o faz "segundo a sua própria lógica, por sua própria disposição, por seu próprio peso, coisa percebida que se percebe e desse modo insere o mundo entre si e si" (Merleau-Ponty, 2000, p. 340-341).

Além disso, o enfoque no corpo enquanto expressão, debatido principalmente nos dois primeiros artigos, evidencia o papel da expressão na relação entre o simbólico e o imaginário, de modo a evitar os pólos do debate que incorrem ou nas ideias de autonomia do simbólico, de representações inconscientes, de um pensamento convencional por debaixo da expressão, ou na ideia de uma consciência completamente transparente a si. A fala, os comportamentos,

os sintomas, os sonhos significam para além de si mesmos, não enquanto representação, mas enquanto expressão:

Se admitimos que o próprio do gesto humano é significar para além de sua simples existência de fato, inaugurar um sentido, disso resulta que todo gesto é comparável a qualquer outro, que ambos pertencem a uma única sintaxe, que cada um deles é um começo, comporta uma sequência ou recomeços na medida em que não é, como o acontecimento, opaco e fechado em si mesmo, e acabado de uma vez por todas; resulta que ele vale para além de sua simples presença de fato, e que nisso ele é de antemão aliado ou cúmplice de todas as outras tentativas de expressão (Merleau-Ponty, 2002, p. 117).

Nessa mesma direção, foi mostrado que a relação consigo mesmo não comporta atividade ou passividade puras. Essas dimensões estão imbricadas, de modo que o corpo, ao mesmo tempo que sofre o apelo do mundo e é guardião de suas memórias, sua história, seu passado, seus esquemas práxicos, ele arma o seu campo de ação e esposa o mundo para tocá-lo. Portanto, a proposta merleau-pontiana, oferece no campo teórico uma articulação entre atividade e passividade que coexistem no domínio de relação corpo-mundo - o que a própria psicanálise já mostrava unificado em sua prática, mas dividia ao passar para a teorização.

O próprio caso da moça afônica, discutido em várias passagens deste trabalho, exhibe essa impossibilidade de falar em atividade ou passividade pura. A histeria vivida pela moça não pode ser tida como uma decisão no sentido estrito do termo, nem como um acometimento à parte de sua vida de relações e seu passado. A decisão aqui deve ser entendida “aquém do saber e da ignorância, da afirmação e da negação voluntárias” (Merleau-Ponty, 1994, p.224). Portanto:

na histeria e no recalque podemos ignorar algo ao mesmo tempo em que o sabemos, porque nossas recordações e nosso corpo, em lugar de se apresentarem a nós em atos de consciência singulares e determinados, dissimulam-se na generalidade. Através dela, nós as "temos" ainda, mas apenas o suficiente para mantê-las longe de nós. Descobrimos através disso que as mensagens sensoriais ou as recordações só são apreendidas expressamente e por nós conhecidas sob a condição de uma adesão geral à zona de nosso corpo e de nossa vida da qual elas dependem (Merleau-Ponty, 1994, p. 224).

Como mostramos no segundo artigo: "Trata-se, pois, de uma quase presença: a situação de fato não está posta à consciência como um objeto, e nem pode se tratar de uma vontade, uma

vez que ela também suporia a presença de possibilidades postas" (Merleau-Ponty, 1994, p. 225). Ela "engana-se a si mesma por meio da generalidade, e chega assim a um estado ou a uma situação que não é uma fatalidade, mas que não é posta e desejada" (Merleau-Ponty, 1994, p. 225). Aqui, estamos "aquém do saber e da ignorância, da afirmação e da negação voluntárias" (Merleau-Ponty, 1994, p.224).

Assim, mesmo ao recair na generalidade do corpo, o corpo não deixa de ser expressivo e exibir uma relação de sentido com o mundo: ao perder a fala e mesmo o silêncio como campo de significação, é expressa a sua recusa à coexistência.

Não podemos, então, falar de um sentido que sobreviveria como realidade sob a aparência, como vimos, a fala não representa o pensamento, o sintoma não representa o conflito interior, "o signo não indica apenas sua significação, ele é habitado por ela; de certa maneira, ele é aquilo que significa" (Merleau-Ponty, 1994, p. 222-223):

Pode-se dizer que o corpo é "a forma escondida do ser próprio" ou, reciprocamente, que a existência pessoal é a retomada e a manifestação de um dado ser em situação. Portanto, se dizemos que a cada momento o corpo exprime a existência, é no sentido em que a fala exprime o pensamento. Para alguém dos meios de expressão convencionais, que só manifestam meu pensamento ao outro porque, em mim como nele, já estão dadas significações para cada signo, e que nesse sentido não realizam uma verdadeira comunicação, é preciso reconhecer, veremos, uma operação primordial de significação em que o expresso não existe separado da expressão e em que os próprios signos induzem seu sentido no exterior. É dessa maneira que o corpo exprime a existência total, não que ele seja seu acompanhamento exterior, mas porque a existência se realiza nele. Esse sentido encarnado é o fenômeno central do qual corpo e espírito, signo e significação são momentos abstratos (Merleau-Ponty, 1994, p. 229).

Portanto, o sentido encontra sua forma na existência, há "várias camadas de significações, (...) a pluralidade de interpretações possíveis é a expressão discursiva de uma vida mista, em que cada escolha tem sempre vários sentidos sem que se possa dizer que um deles é o único verdadeiro" (Merleau-Ponty, 1982, p.71), sendo o Ser "o que exige de nós criação, para que dele tenhamos a experiência" (Merleau-Ponty, 2003, p. 187).

Caminhando, agora, para o caráter mais ontológico desta discussão, podemos dizer que desde o início a experiência perceptiva estiliza e é expressiva, uma vez que a relação que temos com o mundo, formatada pelo esquema corporal enquanto estrutura do mundo

percebido (Merleau-Ponty, 2020, p. 104), comporta lacunas e ambiguidades, sendo permeada por uma negatividade estrutural.

A própria noção de inconsciente, como discutimos no terceiro artigo, é lida por Merleau-Ponty sob o viés da estrutura perceptiva num plano de fundo ontológico: "o inconsciente é o sentir mesmo, pois o sentir não é a posse intelectual 'do que' se sente, mas despossessão de nós mesmos em seu benefício, abertura ao que não precisamos pensar para reconhecê-lo" (Merleau-Ponty, 1982, 179). A fim de sintetizar essa noção, Merleau-Ponty (2000, p. 447) recorre à frase de Hippolyte "eu não sei e sempre o soube", para expressar a dupla fórmula do inconsciente.

Como dissemos no terceiro artigo: "Não sabia, pois não se trata de um conhecimento, de um saber formulado, nominal; e sempre soube, pois, enquanto sentir, o inconsciente possui uma espessura que nos liga ao mundo, que é a relação de promiscuidade, projeção-introjeção, entre corpos e mundo". Sendo assim, os eventos de uma vida "se cristalizam nessas linhas de força – modificam o implexo e são modificados por ele – são 'compreendidos' por ele sem pensamento expresso (...). O inconsciente é a matriz simbólica deixada pelo evento" (Merleau-Ponty, 2003, p. 223)

Forma-se, portanto, uma trama de relações que se imbricam, zona de promiscuidade, carregando diversas camadas de interpretação, onde pode coexistir inclusive contradições. Há "uma verdadeira trama que sobredetermina todas as relações simultâneas, permitindo que os personagens troquem de posição ou sejam objeto de sentimentos contraditórios" (Ramos, 2009, p. 299)

É que não há relação eu-outrem, Dora-pai dela, Dora-Sr. K..., Dora-Sra. K..., mas relação com sistema interagente. Cf. percepção: existem lados acentuados e lados ocultos, mas isso não significa que uns excluam os outros, pelo contrário. O que é alguém? É também tudo o que ele faz, e bonecas russas, – o problema não é eu-outrem, mas eu-sistema dos outros e, conseqüentemente, não é frente a frente de dois para si: o outro não é sem o para outrem de um terceiro a quem ele se liga, e sem o seu para outrem neles. Daí generalidade, não compressão de dois fluxos absolutos – generalidade – Há menos os outros do que sua relação, sua diferenciação (Merleau-Ponty, 2003, p. 240).

Como foi mostrado a partir do caso Dora, a relação com o terapeuta, desdobrada num campo afetivo, ao mesmo tempo que cria um novo elo existencial, retoma o vivido, por meio da transferência. Ocorre assim um trabalho de investigação, retomada da história do paciente

por meio da fala, e os esquemas práticos e matrizes simbólicas carregadas pelo sujeito, como emblemas de seu passado, serão revividos através da transferência.

Dessa forma, a intervenção nessa rede de relações não se dá "no contexto da vida 'real' (...), mas como um presente-ausente" (Merleau-Ponty, 2003, p. 246). Ou seja, nessa nova relação o terapeuta realiza o papel "de receptáculo ou suporte especular da vida de relações do paciente", como mencionamos no capítulo 2. Assim, "o sujeito retoma o conjunto de suas atitudes para com as pessoas e os objetos que fizeram dele o que ele é. Todo o seu passado de relações objetais reaparece na relação atual com o psicanalista" (Merleau-Ponty, 2006, p. 325)

Nesse sentido, a mudança ou movimento na estrutura ocorre não por uma decisão em sentido estrito, mas por uma decisão perceptiva:

O que tem força plástica sobre nossa vida não é a decisão, é a *Gestaltung* que ultrapassa ou não a situação dialética (...). A *decisão* freudiana é o movimento na constelação onde Dora está instalada, é decisão perceptiva, ou seja, não imposta pelos dados da situação, mas eficaz somente se ela os toma e os reordena não como sistema de objetos, mas como um sistema de tensões ligadas aos seres-coisas (Merleau-Ponty, 2003, p. 237-238).

Ora, o novo e antigo se misturam, se tencionam. Tendo em vista a experiência de outrem e da fala, o encontro entre paciente e terapeuta reintroduz a dimensão da coexistência, do laço de "amizade", na qual "o paciente pode ver se diferenciarem as muitas caras de sua própria dramaturgia" (Müller-Granzotto, 2005, p. 425).

A clínica, nesse sentido, é um espaço de criação e rememoração viva. Como apresentamos, no capítulo 2:

Não mero relato de fatos e recuperação de memórias mortas. Falar e ouvir de si a outrem não para produzir uma história de sucessão de eventos coerentes, mas para esposá-la e instituir sentido, recolocar uma vida em movimento. Contra o fechamento e a generalidade, "a memória viva é, portanto, uma forma de *hybris*, distorção anamórfica dos quadros do conhecimento e da escrita, (...), que traz o sujeito de volta à sua abertura constitutiva e à ficção inalcançável de sua unidade que a linguagem constrói" (Tréguier, 1996, p. 169). Falar a quem nos dirige, instiga e provoca a fala, com quem formamos um novo laço de existência é, portanto, tornar a participar de um mundo de coexistência.

Essa relação pode nos abrir novas maneiras de vivenciar o mundo, de perceber as coisas e os outros, de falar, de agir. Permite-nos ir além, produzindo modulações e

diferenciações na estrutura perceptiva e práxica. Logo, a fala do analista, suas interpretações, “sua capacidade de criar possibilidades e não apenas na função de criar compreensões ou insights” (Klein, Vertzman & Coelho, 2020, p. 11). Mais do que possibilitar uma compreensão, a relação com e a fala do analista possibilita uma experiência que pode recolocar em movimento uma questão em busca por continuidade, desdobramento. Nesse sentido, as discussões do capítulo 2 exibem a potência da comunicação que ocorre nesse laço afetivo.

Comunicação de ordem corporal e não apenas intelectual. O papel do terapeuta se desenrola no campo da escuta e busca indicar o sentido do que o sujeito vive na relação com os outros. Daí a importância do corpo e da intercorporeidade, uma vez que o corpo atua resguardando a memória e o passado de uma vida, e possibilita a comunicação entre "inconscientes", porquanto é fundo da interpretação. Por fim, o esforço conjunto para recolocar em movimento uma vida que se retirou em direção a generalidade, movimento de transformação, lança-os em direção a um excesso, busca por expressão, de busca por mais sentido e costura, pelo seu avesso, a trama que visa recuperar e distender, superar e envolver, o antigo e novo, o sensível e a expressão, o eu e suas relações com os outros e com o mundo.

10. CONCLUSÃO

À guisa de conclusão, gostaríamos de recuperar brevemente os aspectos gerais tratados, a fim de ressaltar as implicações desta pesquisa.

Norteados pelo objetivo de investigar a comunicação com outrem, em especial entre terapeuta e paciente, enquanto potência transformadora de uma vida, à luz da fenomenologia de Merleau-Ponty, atravessamos, no conjunto da obra, os conceitos de expressão, passividade e instituição, inconsciente e intercorporeidade. Esse percurso entre as diversas peças permitiu-nos compreender de forma mais ampla o vínculo entre mundo sensível e mundo da expressão, a passagem do antigo ao novo, o entrelaçamento do inconsciente à consciência e da comunicação entre eu e outrem. Aspectos que possuem uma ligação primordial e se articulam por entrelaçamento, invasão, quiasma.

Abordamos, dessa forma, a relação entre filosofia e psicanálise pela via da filosofia, mas esta é uma relação de mão dupla, o que poderá permitir, no futuro, outros desdobramentos e implicações. Por ora, nos adentramos nessa trama de conceitos que busca dizer o indizível do sentido da vida ou de uma vida. Parece-nos que esse é o principal ponto

de contato entre filosofia e psicanálise: saber como “produz o universal com o singular, e o sentido com nossa vida” (Merleau-Ponty, 2002, p. 201).

REFERÊNCIAS

Ayouch, T. (2010). Desmentindo as falsas comparações: do corpo perceptivo ao corpo fantasmático. *Revista de Filosofia Aurora*, 22(31), 495-513.

Ayouch, T. (2012). Merleau-Ponty e a psicanálise: da fenomenologia da afetividade à figurabilidade do afeto. *Jornal de Psicanálise*, 45(83), 173-190.

Andrade, A. D. de. (2019). Nas margens da presença: a questão do logos em Merleau-Ponty. Tese de Doutorado, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/11248>.

Barbaras R. (2013). *Dynamique de la Manifestation*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin.

Binswanger, L. (2001). Sobre a psicoterapia. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 4(1), 143-166. <https://doi.org/10.1590/1415-47142001001013>

Dors, L. K. (2020). O ausente-presente: Merleau-Ponty e o inconsciente primordial. Tese de Doutorado, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo. <http://tede.unioeste.br/handle/tede/4933>

Ferraz, M. S. A. (2008). Fenomenologia e ontologia em Merleau-Ponty. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP. Recuperado de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-08072008-145806/>

Figueiredo, L. C. M. (1996). Pensar, escutar e ver na clínica psicanalítica. *Percursos: Revista de Psicanálise*, 8 (16), 81-9.

Fochesatto, W. P. F. (2011). A cura pela fala. *Estudos de Psicanálise*, (36), 165-171.

- Freud (1996). Construções em análise. In Edição standard brasileira, vol. 23. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937.)
- Freud, S. (2016). Análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora"). In S. Freud, Obras completas, volume 6: Três ensaios sobre a sexualidade, análise fragmentária de uma histeria e outros textos (1901-1905). (P. C. De Souza Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Furlan, A. S. R. & Furlan, R. (2005). Arte, linguagem e expressão na filosofia de Merleau-Ponty. ARS (São Paulo), 3(5), 30-49. <https://doi.org/10.1590/S1678-53202005000100003>
- Furlan, R. (1999). Freud, Politzer, Merleau-Ponty. Psicologia USP, 10(2), 117-138.
- Klein, T., Vertzman, J., & Coelho Júnior, N. E. (2020). A Linguagem como Experiência: Diálogos entre Merleau-Ponty e a Psicanálise. Psicologia: Ciência e Profissão, 40, e189598. Epub November 18, 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003189598>
- Landes, D. A. (2013). The Merleau-Ponty Dictionary. London: Bloomsbury.
- Manzi Filho, R. (2012). Um caso de Binswanger sob a lente de Merleau-Ponty. Psicologia USP, 23(1), 171-190. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642012000100009>
- Merleau-Ponty, M. (1975). O Olho e o Espírito. In: M. de S. Chauí (Trad.). Os Pensadores. São Paulo: Abril.
- Merleau-Ponty, M. (1980). A Dúvida de Cézanne. In: N. A. Aguiar (Trad.). Os Pensadores (2ª ed). São Paulo: Abril Cultural.
- Merleau-Ponty, M. (1982). *Résumé de Cours (collège de France, 1952-1960)*. Paris: Gallimard.
- Merleau-Ponty (1991). Signos (M. E. G. G. Pereira, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1960).

- Merleau-Ponty, M. (1994). Fenomenologia da percepção (C. A. R. Moura, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1945).
- Merleau-Ponty, M. (2000). A natureza (A. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1995).
- Merleau-Ponty, M. (2002). A prosa do mundo (P. Neves, Trad.). São Paulo: Cosac & Naify. (Original publicado em 1969).
- Merleau-Ponty, M. (2003). L'institution la passivité. Notes de cours au Collège de France (1954-1955). Paris : Belin.
- Merleau-Ponty, M. (2003). O visível e o invisível. (J. A. Gianotti & A. M. D'Oliveira, Trad.). São Paulo: Perspectiva. pp. 122, 187. (Original publicado em 1964).
- Merleau-Ponty, M. (2006). Psicologia e pedagogia da criança (I. C. Benedetti, Trad.). São Paulo: Martins Fontes (Original publicado em 2001).
- Merleau-Ponty, M. (2014). O visível e o invisível (4ª ed). J. A. Gianotti & A. M. D'Oliveira (Trad.). São Paulo: Perspectiva.
- Merleau-Ponty, M. (2016). Entretiens avec Georges Charbonnier et autres dialogues, 1946-1959. Paris: Verdier.
- Merleau-Ponty, M. (2020). The sensible world and the world of expression. Cours Notes from Collège de France, 1953. Evanston: Northwestern University Press. (Original publicado em 1953).
- Mezan, R. (2006). Freud: a trama dos conceitos. São Paulo: Perspectiva.
- Moura, A. de C. (2013). SER E LINGUAGEM EM MERLEAU-PONTY. Cadernos De Ética E Filosofia Política, 1(20), 90-102. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/55974>

- Moutinho, L. D. S. (2006). Razão e experiência: ensaios sobre Merleau-Ponty. Rio de Janeiro: Editora Unesp.
- Müller-Granzotto, M. J. (2005). Merleau-Ponty leitor de Freud. *Natureza humana*, 7(2), 399-432
- Ogden, T. H. (2020). Psicanálise ontológica ou "O que você quer ser quando crescer?". *Revista Brasileira de Psicanálise*, 54(1), 22-45. Recuperado em 26 de março de 2024, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2020000100002&lng=pt&tlng=pt
- Oliveira, V. H. (2012). Desejo e negatividade na filosofia de Merleau-Ponty. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto. doi:10.11606/D.59.2012.tde-10102013-154501. Recuperado em 2024-03-06, de www.teses.usp.br
- Politzer, G. (1998). Crítica aos Fundamentos da Psicologia - a psicologia e a psicanálise. (M. Marcionilo & Y. T. da Silva, Trad). São Paulo: Unimep.
- Ramos, S. S. (2009). A prosa de Dora: uma leitura da articulação entre natureza e cultura na filosofia de Merleau-Ponty. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. doi:10.11606/T.8.2009.tde-07122009-142545. Recuperado em 2021-05-15, de www.teses.usp.br
- Saint Aubert, E. (2006). La « promiscuité » Merleau-Ponty à la recherche d'une psychanalyse ontologique. *Archives de Philosophie*, 69, 11-35. <https://doi.org/10.3917/aphi.691.0011>
- Santos, R. (2021). Carnalidade do Real: Merleau-Ponty e a psicanálise. Tese de Doutorado, Universidade de Coimbra, Coimbra. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/105167/2/Tese%20final.pdf>

Silva, C. A. F. (2009). *A carnalidade da reflexão: ipseidade e alteridade em Merleau-Ponty*. São Leopoldo, RS: Nova Harmonia.

Tréguier, J.-M. (1996). *Le corps selon la chair*. Paris: Kimé

Verissimo, D. S. & Furlan, R. (2007). Entre a Filosofia e a Ciência: Merleau-Ponty e a Psicologia. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 17(38), 331-342.

Zielinski, A. (2000). La notion de la transcendance dans *Le visible et l'invisible*: de l'indétermination au désir. *Chiasmi International* 2, 415-430.

ANEXOS

ANEXO A - Carta de anuência da revista Memorandum para publicação do Artigo 1**AUTORIZAÇÃO**

A Revista *Memorandum: memória e história em psicologia*, detentora dos direitos autorais do artigo: “Do gesto à linguagem indireta: a noção de expressão em Merleau-Ponty”, publicado em sua 39ª edição, autoriza a autora Júlia Tozzi Muraro a publicá-lo em sua dissertação “O dizer e o sentido de uma vida em Merleau-Ponty”, desde que seja explicitada a referência à revista *Memorandum* como seu primeiro veículo de divulgação.

Belo Horizonte, 06 de março de 2024.

Roberta Vasconcelos Leite

Prof.a Dr.a Roberta Vasconcelos Leite
Editora
Memorandum: memória e história em psicologia

ANEXO B - Comprovante de submissão do Artigo 2 para publicação na *Psicologia em Revista*

[PR] Agradecimento pela Submissão Externa Caixa de entrada x 🖨 📧

 **Márcia Stengel** qui., 11 de abr., 17:02 (há 7 horas) ☆ ↶ ⋮
para mim ▾

Julia Tozzi Muraro,

Agradecemos a submissão do seu manuscrito "O dizer e o sentido de uma vida na filosofia de Merleau-Ponty" para *Psicologia em Revista*. Através da interface de administração do sistema, utilizado para a submissão, será possível acompanhar o progresso do documento dentro do processo editorial, bastando logar no sistema localizado em:

URL do Manuscrito: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/authorDashboard/submission/32919>
Login: jumuraro

Em caso de dúvidas, envie suas questões para este email. Agradecemos mais uma vez considerar nossa revista como meio de transmitir ao público seu trabalho.

Márcia Stengel

Cordialmente,

Psicologia em Revista

Tel.: (31) 3319-4582

E-mail: psirevista@pucminas.br

ANEXO C - Comprovante de submissão do Artigo 3 para publicação na *Fractal: Revista de Psicologia*

[FRP] Agradecimento pela submissão

Externa

Caixa de entrada x

**no-reply.revistascientificas@id.uff.br**

para mim ▾

qui., 11 de abr., 17:36 (há 6 horas)



Julia Tozzi Muraro:

Obrigado por submeter o manuscrito, "A experiência de outrem: o entrelaçamento entre intercorporeidade e inconsciente no campo do sentir" ao periódico Fractal: Revista de Psicologia. Com o sistema de gerenciamento de periódicos on-line que estamos usando, você poderá acompanhar seu progresso através do processo editorial efetuando login no site do periódico:

URL da Submissão: <https://periodicos.uff.br/fractal/authorDashboard/submission/62556>

Usuário: jumuraro

Se você tiver alguma dúvida, entre em contato conosco. Agradecemos por considerar este periódico para publicar o seu trabalho.

Cláudia Castanheira de Figueiredo

[Fractal: Revista de Psicologia](#) (título atual da antiga Revista do Departamento de Psicologia - UFF)fractal.revista.psi@gmail.com / fractal.revista.de.psicologia@gmail.com